

A história da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho tem dado passos nos últimos anos através do estudo monográfico de alguns conventos, por exemplo: GÓIS, António Correia – *Convento de Nossa Senhora dos Anjos: 1494-1834*. Montemor-o-Velho: Ed. do Autor, 2007; SIMÕES, João Miguel – *O Convento da Graça: antigo mosteiro de São Francisco de Loulé: Monografia histórico-artística*. Lisboa: Ed Colibri; Câmara Municipal de Loulé, 2008. 136 p., 68 estampas n.p. O presente trabalho dedica algumas páginas à origem da Ordem, seguindo de perto obras gerais de Carlo Alonso. Mas vai mostrando dados da sua própria investigação como: a Carta pastoral do mestre Frei António Forjaz, dos Reservados da Biblioteca Nacional (p.27), a carta do Intendente Geral da Polícia ao Provincial da Ordem (p.28), a carta do Provincial Fr. José Ferreira ao rei em 1832, informando que os religiosos eram 180 professos, 4 noviços e 9 leigos (p.28). Não parece correta a afirmação de que “a única Regra na Península Ibérica foi a Regra de São Bento, mas, a partir do século XII, algumas comunidades começaram a resistir a essa influência exclusiva...” (p.19). De facto, existiram muitas regras e a entrada da regra de São Bento foi tardia em Portugal (1086)¹.

Paula Correia da Silva inicia o estudo do Convento de Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras pela fundação autorizada em 1266, mas apenas efetivada um século depois. Analisa as causas desta demora e dá notícias sobre a primitiva construção na Várzea Grande, junto da Igreja de São Tiago. Edifício que seria demolido após a doação do Hospital de São Lázaro aos agostinhos, em 1544. Permitiria a transferência e ampliação do convento, ainda hoje existente com diversos usos. As obras da igreja seriam concluídas no último quartel do século XVI.

Paula Correia da Silva procede ao breve estudo da comunidade religiosa e do seu contributo para a cultura, abordando os temas da livraria e do ensino. Encontrou o inventário da Livraria, com cerca de 1600 obras e 122 encadernados em pergaminho, embora lhe dedique pouca atenção. Oferece dados interessantes sobre o ensino no século XVI e XVII, mas sobretudo para o século que antecede a extinção. Recolhe uma lista de 16 mestres e lentes que transmitiam diferentes saberes: as primeiras letras, gramática, latim, moral, filosofia e teologia.

Relativamente ao património (p.73-106) estudam-se juros, apólices e doações reais, como a doação do Hospital de S. Lázaro (1544), base da deslocação do convento dos agostinhos, mercearias (asilos para pessoas pobres) de D. Leonor, unidas à Irmandade de Nossa Senhora dos Passos, com sede no convento, bem como as doações de frades e de particulares, com detalhes interessantes para permitir entender concretamente os mecanismos de sustento da instituição religiosa. Papel especial assumem as capelas para sepulturas familiares. Acerca dos bens patrimoniais, Paula Correia da Silva parte dos bens constantes do inventário de 1834 e elabora tabelas elucidativas (p.90-101).

1 Ver AZEVEDO, Carlos Moreira – *Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal (1256-1834)*. Lisboa: CEHR, 2011, p.7-10.

A facilidade em encontrar documentação sobre a extinção dá azo a um capítulo recheado de notas, ilustrado com o caso do Fr. Sebastião de Oliveira interveniente na luta política interna ao convento. Grande parte da informação é de teor económico: dívidas ativas e passivas e autos de posse dos bens.

Após a extinção, o convento seria vendido ao abastado Inácio Ferreira Campelo, por 4.433\$500 reis. Outras mãos detiveram o monumento até, em 1886, ser adquirido pelo P. Francisco Maria Rodrigues de Oliveira Grainha, por 1.200\$000 réis. Tinha como projeto abrir uma casa de ensino, o que se gorou. A Câmara Municipal de Torres Vedras acabaria por comprar o convento em 1887 por 4.500\$000 réis. Em 1926 compraria também a cerca. Paula Correia da Silva congregou muitos dados sobre os sucessivos passos até ao presente, através da consulta do Arquivo da Câmara e dos jornais regionais. O estudo termina com informações sobre o Convento e a Igreja, recolhidas nas citadas fontes.

Em anexo, transcreve alguns documentos, do século XIII ao século XX (p.131-157). Completa o livro a referência às fontes e aos estudos utilizados (p.161-171).

No Arquivo do Patriarcado de Lisboa existe vária documentação que não foi consultada para este trabalho. Aqui ficam indicações: Ms 52. 1700-1762: Livro 4º dos conselhos do Convento de Nossa Senhora da Graça. Torres Vedras; Ms 413. 1766-1767: Livro Velho das leis do Convento de Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras.

A Autora devia ter conhecimento das informações relativas às Caixas, publicadas por Isaías da Rosa Pereira (Inventário provisório do Arquivo da Cúria Patriarcal de Lisboa. Lisboa 1972. Sep. *Lusitania Sacra*. 9 (1970-1971). Sobre Torres Vedras constam os seguintes documentos: CAIXA 1, N.º 1. 1384, Junho, 25, Torres Vedras. Testamento de Maria Domingues. Original bem conservado, tendo apenas alguns furos no fim que fizeram desaparecer poucas palavras. Pergaminho (67,5x20,5). CAIXA 2, N.º 1. 1364, Março, 29. Bula de Urbano V «Sacre vestre religionis» que autoriza a transferência do convento de Penafirme, dos Eremitas de Santo Agostinho, para Torres Vedras. Pergaminho (33x51). Selo de chumbo. Proveniência: convento da Graça de Lisboa. CAIXA 6, N.º 11. 1763, Maio, 10. Carta régia de padrão em que D. José I concede ao prior e religiosos do convento de Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras 3.000 reis de esmola anual para o capelão dos Passos da dita Vila. Pergaminho 2 fls. (36,5x25), rasgado na margem direita com prejuízo do texto.

Permito-me ainda alguns pequenos reparos. Na página 26 devia vir Bento XIV em vez de Benedito. Do que afirma a Autora parece desconhecer que Nossa Senhora da Correia era devoção tipicamente agostinha (p.37). A palavra “professado” (p.54) é usada em sentido amplo, o que aqui não corresponde à verdade, porque professar é entrar a fazer parte definitiva da ordem.

Lamento ainda a desagradável mancha gráfica, que muitas vezes sobrepõe o corpo do texto com as notas de pé de página.

Estas notas menos positivas não retiram ao estudo o valor de excelente contributo para um pleno conhecimento de uma congregação que esteve quase esquecida dos estudiosos portugueses. Possa Paula Correia da Silva prosseguir os seus estudos, o que sabemos tem acontecido, e oferecer nova investigação.